

METÁFORAS CONCEPTUAIS E IDEOLOGIAS NAS CHARGES COM TEMÁTICA DA COVID-19: UMA ABORDAGEM COGNITIVA E MULTIMODAL

CONCEPTUAL METAPHORS AND IDEOLOGIES IN COVID-19-THEMED CARTOONS: A COGNITIVE AND MULTIMODAL APPROACH

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19462

Aline Aurora Guida¹
Rosane Reis²
Gustavo Guedes³

Resumo: Este estudo qualitativo, ancorado na Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 1980), examina os domínios-fonte de metáforas em charges sobre a COVID-19. Articula-se com a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2003) e a Análise de Discurso (Pêcheux, 2015), investigando como a multimodalidade dessas peças constrói discursos ideológicos. O foco recai sobre as metáforas DOENÇA É PESSOA e DOENÇA É LUTA, com seus desdobramentos, que moldam percepções públicas. Conclui-se que as charges não apenas refletem, mas também questionam e legitimam ideologias acerca da pandemia.

Palavras-chave: Metáfora Conceptual; Charges; COVID-19; Multimodalidade; Ideologia.

Abstract: This qualitative study, grounded in Conceptual Metaphor Theory (Lakoff & Johnson, 1980), examines the source domains of metaphors in editorial cartoons about COVID-19. It integrates Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2003) and Discourse Analysis (Pêcheux, 2015), exploring how the multimodality of these artifacts constructs ideological discourse. The analysis focuses on the primary metaphors DISEASE IS A PERSON and DISEASE IS WAR, along with their variations, which shape public perceptions. The study concludes that editorial cartoons not only reflect but also challenge and legitimize ideologies surrounding the pandemic.

Keywords: Conceptual Metaphor; Cartoons; COVID-19; Multimodality; Ideology.

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Graduação em Letras (Português / Latim) pela Universidade Federal Fluminense (UFF), duas especializações em Língua Portuguesa: uma pela UFF e outra pelo Liceu Literário Português no Rio de Janeiro. Atualmente, é professora efetiva do CEFET-RJ - Unidade Maracanã. E-mail: aline.guida@cefet-rj.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6916-3842>.

² Pós-doutorado em Morfologia na UFRJ; Doutora e Mestra em Língua Portuguesa pela UERJ, com ênfase em Semiótica e Produção Textual; Cursou Especialização no Liceu Literário Português. Foi professora Substituta de Língua Portuguesa da UERJ. Membro do Grupo de Pesquisa Semiótica, Leitura e Produção de Textos (SELEPROT/Uerj); Membro da ALFAL (Associação de Linguística e Filologia da América Latina) e da AILP (Associação Internacional de Linguística do Português). E-mail: rosanereis.prof@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2395-4301>.

³ Doutorado em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Linguística pela UFRJ. Especialização em Gerência de Tecnologia em Computação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduação em Letras (Português / Alemão) pela UFRJ e Graduação em Ciência da Computação pelo Centro Universitário Plínio Leite. Atualmente, é professor efetivo do CEFET-RJ - Unidade Maracanã. E-mail: gustavo.guedes@cefet-rj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8593-1506>.

Introdução

A pandemia da COVID-19 trouxe uma reconfiguração não apenas dos aspectos sanitários e socioeconômicos, mas também do discurso. Em um contexto marcado por incertezas e rápidas mudanças, a linguagem e as imagens se tornaram ferramentas cruciais para moldar a percepção social e política da crise. Muitos termos não eram comuns ou sequer existiam no vocabulário cotidiano antes da pandemia e passaram a fazer parte da linguagem, refletindo a nova realidade imposta pelo contexto pandêmico: novo normal, confinamento, *lockdown*, corona, telemedicina, imunossuprimido, distanciamento social etc. As charges se destacam como um meio poderoso de registro desse vocabulário produtivo à época e de representação crítica dos problemas sociais que ficarão na história, utilizando-se de metáforas conceptuais para estruturar e tornar compreensível o impacto da crise na saúde pública e na vida da sociedade em geral.

As metáforas conceptuais, conforme descritas por Lakoff e Johnson (1980), permitem que conceitos abstratos sejam compreendidos por meio de domínios mais concretos, facilitando a apreensão de situações sociais complexas como uma pandemia, por exemplo. Quando essas metáforas são veiculadas de maneira multimodal – integrando elementos visuais e verbais – tornam-se ainda mais potentes, não apenas simplificando a comunicação, mas também carregando uma forte carga ideológica. Essas metáforas desempenham um papel fundamental na construção de significados e, muitas vezes, na propagação de discursos políticos e sociais.

Este artigo, portanto, explora as metáforas conceptuais **DOENÇA É PESSOA** e **DOENÇA É LUTA**, ambas recorrentes nas charges sobre a pandemia da COVID-19, com foco em suas manifestações multimodais. A metáfora **DOENÇA É PESSOA** se desdobra em formulações como **VÍRUS É FIGURA POPULAR** e **VÍRUS É ESTUDANTE**; já a metáfora **DOENÇA É LUTA** apresenta os desdobramentos **VÍRUS É INIMIGO** e **VÍRUS É Oponente**. A partir de uma perspectiva cognitiva e ideológica, busca-se identificar como essas metáforas reforçam ou criticam visões de mundo, influenciando a maneira como o público interpreta a pandemia e as ações políticas relacionadas a ela. Além disso, o estudo se apoia na Análise Crítica do Discurso, doravante ACD, (Fairclough, 2003) para examinar de que forma as metáforas multimodais presentes nas charges servem como veículos para a disseminação de ideologias, legitimando ou desafiando ações e narrativas políticas durante o período pandêmico.

O restante deste artigo está dividido da seguinte forma: a seção 1 aborda os fundamentos teóricos. A seção 2 descreve as ferramentas teóricas e o processo analítico. A seção 3 analisa

quatro charges e suas mensagens ideológicas. Por fim, a seção de Conclusão sintetiza o papel das metáforas na percepção pública e nos discursos ideológicos durante a pandemia.

1 Fundamentação Teórica

Ao se considerarem os domínios conceptuais da metáfora, é importante lembrar que eles não se limitam aos textos verbais, eles se manifestam, também, em representações não verbais, como gestos, imagens, cores etc., refletindo a diversidade de ferramentas semióticas de construção de sentido. A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980), sustenta que a metáfora é um processo cognitivo essencial, que permite estruturar e compreender conceitos abstratos por meio de domínios mais concretos, ou seja, a metáfora é composta por dois domínios conceptuais: um domínio-fonte e um domínio-alvo. O domínio-fonte serve para categorizar os conceitos que determinam o que se deseja expressar sobre o domínio-alvo. Por exemplo, quando dizemos:

- (1) Durante o debate, ela destruiu os argumentos dele.

O domínio-fonte é 'guerra', pois estamos utilizando a ideia de um combate ou confronto para categorizar o conceito de 'debate', que é o domínio-alvo. Assim, conceptualizamos o debate como uma luta, relacionando os argumentos com armas e, assim, a vitória é alcançada por meio da destruição das ideias do oponente. Esse exemplo mostra como a metáfora usa o domínio-fonte 'guerra' para expressar o confronto de ideias em um debate (domínio-alvo).

A partir dos estudos de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora deixou de ser vista como um simples recurso estilístico e passou a ser entendida como a forma pela qual raciocinamos e categorizamos o mundo ao nosso redor. Isso ocorre porque a metáfora nos permite compreender um aspecto de um conceito em termos de outro. As construções que emergem dessas projeções seletivas entre domínios distintos revelam que a metáfora é um produto das complexas relações biológicas, sociais, históricas e culturais em que o ser humano está imerso. Assim, podemos afirmar que nossa experiência com o mundo é fundamental para os processos de construção de sentidos realizados por meio de metáforas.

Se isso pode ser aplicado à linguagem verbal, o mesmo ocorre com as imagens (linguagem não verbal). Também é possível identificar os dois domínios conceptuais em representações visuais, e, uma vez que esses domínios são reconhecidos, sua interpretação se

torna viável. O domínio-fonte oferece a base de raciocínio análogo para a compreensão do que se deseja expressar sobre o domínio-alvo.

A metáfora DOENÇA É LUTA, por exemplo, foi amplamente utilizada durante a pandemia, representando o combate ao vírus como uma batalha que demandava ação enérgica e sacrifícios. No entanto, essas metáforas não são apenas cognitivas, mas também carregam fortes implicações ideológicas, influenciando a maneira como a crise foi percebida e abordada. Conforme aponta Deignan (2010), a seleção dos domínios-fonte não é neutra, mas carrega implicações avaliativas, o que faz da metáfora um recurso para a expressão de julgamentos implícitos. Essa perspectiva reforça o papel das metáforas conceituais como ferramentas ideológicas, uma vez que o domínio-fonte escolhido carrega valores que orientam a interpretação do fenômeno metaforizado.

Além da metáfora conceptual como projeção entre domínios, é importante destacar a **personificação** como um caso específico de metáfora ontológica, conforme definido por Lakoff e Johnson (1980). Nessa configuração, entidades não humanas são compreendidas em termos de características humanas — motivações, intenções e comportamentos —, o que permite atribuir agência a conceitos abstratos como “doença” ou “vírus”. Como afirmam os autores, “Talvez as metáforas ontológicas mais evidentes sejam aquelas em que o objeto físico é especificado como sendo uma pessoa. Isso nos permite compreender uma ampla variedade de experiências com entidades não humanas em termos de motivações, características e atividades humanas”⁴. Essa estratégia é particularmente relevante para as metáforas analisadas neste artigo, como DOENÇA É PESSOA e seus desdobramentos, a exemplo de VÍRUS É FIGURA POPULAR, nas quais o vírus adquire voz, rosto e papel social ativo. A personificação, portanto, opera como mecanismo fundamental na construção de sentidos ideológicos e avaliativos nas charges, ao transformar um fenômeno biológico em sujeito de ação discursiva.

A ACD (Fairclough, 2003) complementa essa abordagem ao sugerir que a linguagem é um campo de disputa de poder, no qual metáforas são usadas para promover ou desafiar visões de mundo. Assim, a linguagem é compreendida como um campo de disputa de significados, em que diversos sujeitos e grupos sociais competem pela hegemonia discursiva. Nesse sentido,

⁴ Tradução livre do original: “Perhaps the most obvious ontological metaphors are those where the physical object is further specified as being a person. This allows us to comprehend a wide variety of experiences with nonhuman entities in terms of human motivations, characteristics, and activities.” (Lakoff; Johnson, 1980, p. 33).

como afirma Fairclough (1992, p. 7), “o discurso é um campo de luta pelo poder, no qual diferentes grupos sociais buscam estabelecer suas visões de mundo como dominantes”.

Nas charges, as metáforas multimodais, que combinam elementos visuais e verbais, desempenham um papel crucial na disseminação de discursos ideológicos, ajudando a legitimar ou contestar ações políticas, conforme apontado por autores como Forceville (2020) e Kress & van Leeuwen (2006). A Análise do Discurso busca investigar, portanto, como as ideologias são construídas e reproduzidas por meio da linguagem, destacando os efeitos ideológicos presentes nos discursos.

Orlandi (2013) destaca que a linguagem não é neutra, mas imbuída de significados e atravessada por relações ideológicas. Por meio da linguagem, as estruturas de poder se revelam, moldando a maneira como a realidade é construída e interpretada. A ideologia, por sua vez, é vista como um conjunto de valores, crenças e ideias que permeiam os discursos e funcionam como instrumentos de dominação e preservação das relações de poder.

Para entender a relação entre linguagem e ideologia, é essencial examinar os mecanismos discursivos que sustentam e reproduzem a ideologia dominante, assim como os processos de resistência e contestação que podem emergir nos discursos. A Análise de Discurso adota uma abordagem crítica que busca expor as formas pelas quais a ideologia é perpetuada e contestada em diversos contextos discursivos.

A análise da linguagem é, portanto, essencial para a compreensão da ideologia, pois é através dela que se acessam os processos discursivos que constroem sentidos e significados. Como afirma Pêcheux (2015, p. 17), “não se pode desconsiderar a constituição essencialmente ideológica do discurso e do sentido”, pois, como o autor considera, o discurso é o “lugar” onde se inscreve a ideologia. Isso mostra que o discurso é o espaço onde a ideologia é incorporada e expressa pela linguagem, não existindo em um local específico, mas manifestando-se nas práticas discursivas, presentes em todas as formas de linguagem, sejam verbais, sejam não verbais. Além disso, a análise de qualquer discurso se apresenta como uma ferramenta eficaz para revelar de que forma a ideologia se inscreve nele e como ela é naturalizada e reproduzida no cotidiano. A partir dessa análise, é possível, então, desvelar como a ideologia se integra à linguagem e influencia a construção de significados nos discursos produzidos pelos sujeitos.

2 Metodologia

Este estudo utilizou uma abordagem qualitativa, ao analisar charges, pesquisadas com a ferramenta de busca Google, relacionadas ao período pandêmico referente ao surto da COVID-

19 vivenciado ao redor do mundo no ano de 2020, com enfoque, especificamente, no período entre fevereiro de 2020 e agosto de 2021. As charges foram selecionadas após busca pelas seguintes palavras-chave: “*covid-19*”, “*pandemia*”, “*coronavírus*”. Essas três palavras-chave foram selecionadas por representarem exatamente o que buscamos como corpus de observação. A análise priorizou a identificação de metáforas conceptuais que integram elementos verbais e não verbais, a fim de verificar como essas metáforas refletem e constroem discursos ideológicos sobre a pandemia.

A partir de uma análise baseada na Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por Lakoff e Johnson (1980), foram examinadas charges como textos multimodais que abordam temas, como a gestão política da pandemia, a disseminação do vírus e os esforços de contenção, com foco em duas metáforas primárias, como **DOENÇA É PESSOA** (e seus desdobramentos **VÍRUS É FIGURA POPULAR** e **VÍRUS É ESTUDANTE**) e **DOENÇA É LUTA** (com os desdobramentos **VÍRUS É INIMIGO** e **VÍRUS É Oponente**).

Além disso, este estudo também incorporou a ACD, fundamentada na perspectiva de Fairclough, para investigar como os discursos ideológicos são articulados e apresentados por meio das metáforas visuais e verbais presentes nas charges. A ACD compreende o discurso como uma prática social que molda e é moldada por estruturas de poder e relações sociais. O foco dessa análise recai sobre como as escolhas linguísticas e imagéticas contribuem para a reprodução ou contestação de ideologias, especialmente em contextos marcados por crises globais como a pandemia.

A Análise de Discurso (AD) de Pêcheux também foi considerada para compreender de que maneira a ideologia se inscreve no discurso visual das charges. Pêcheux defende que o discurso é o local onde a ideologia se manifesta e é reproduzida. Assim, essa abordagem permitiu identificar formações discursivas nas charges que refletem as tensões políticas e sociais geradas pela pandemia. A análise envolveu a identificação de enunciados e representações que revelam como diferentes ideologias se materializam nos discursos visuais, apontando de que maneira essas ideologias moldam a percepção da pandemia e as ações sugeridas nos discursos.

Ambas as abordagens, ACD e AD, foram fundamentais para expandir a análise além do nível superficial da metáfora, permitindo uma compreensão mais profunda dos significados ideológicos subjacentes. A ACD proporcionou uma investigação sobre as relações de poder subjacentes às representações da pandemia, enquanto a AD de Pêcheux ofereceu um olhar sobre

como essas representações são moldadas pelas condições materiais e históricas do período pandêmico.

Portanto, a combinação da Teoria da Metáfora Conceptual, da Análise Crítica do Discurso e da Análise de Discurso possibilitou uma visão multifacetada da forma como as metáforas conceptuais nas charges não apenas refletem os problemas vividos pelo mundo na pandemia, mas também influenciam a maneira como os discursos ideológicos sobre saúde pública, política e sociedade são construídos, naturalizados ou contestados. Ao integrar essas metodologias, foi possível examinar como a linguagem e os elementos visuais interagem para produzir sentidos que vão além do conteúdo explícito, contribuindo para a construção de narrativas ideológicas durante a pandemia da COVID-19.

3 Análise das Metáforas Conceptuais e Ideológicas

Neste tópico, realizamos a análise das charges selecionadas com o objetivo de identificar e interpretar as metáforas conceptuais presentes em suas composições visuais e verbais, bem como as implicações ideológicas associadas a essas representações. A análise segue uma abordagem multimodal, embasada na Teoria da Metáfora Conceptual, conforme desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980), que concebe a metáfora como um processo cognitivo fundamental para a compreensão do mundo através de conceitos mais concretos. Além disso, utilizaremos a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2003) e a Análise Multimodal (Forceville, 2020) para explorar como os elementos verbais e não verbais das charges interagem para construir significados complexos.

Por meio dessa abordagem, pretendemos revelar como os domínios-fonte e os domínios-alvo das metáforas conceptuais são conectados para estruturar o entendimento do chargista a respeito da pandemia de COVID-19. Adicionalmente, examinamos como essas metáforas não apenas comunicam mensagens sobre a crise sanitária, mas também expressam, criticam ou reforçam visões ideológicas, sociais e políticas, refletindo as tensões presentes no discurso público durante o período pandêmico.

A análise foi conduzida em etapas, iniciando pela seleção das charges, seguida da fundamentação teórica, identificação das metáforas multimodais e, por fim, a análise ideológica, com o intuito de compreender os discursos subjacentes que emergem a partir dessas representações.

3.1 Charge 1 - DOENÇA É PESSOA: o vírus como figura popular

A charge 1 (Figura 1) apresenta dois quadros com o título "Luta da Fiscalização", no qual há uma crítica relacionada à pandemia de COVID-19 e ao comportamento das pessoas diante das medidas de controle, como o distanciamento social e o lockdown. No primeiro quadro, um fiscal de saúde, representado com um megafone, tenta conscientizar as pessoas dizendo: "Vamos pessoal, circulando, sem aglomeração!" A resposta dos cidadãos é negativa, com falas como: "Que cara chato!", "Sai fora!" e "Idiota!", numa clara demonstração de insatisfação.

No segundo quadro, aparece o vírus da COVID-19 personalizado, segurando um megafone e promovendo um comportamento oposto: "Final de ano, pessoal, tá na hora de se aglomerar e curtir!" As respostas das pessoas, nesse contexto, são de aprovação: "Oba, tô dentro!", "Legal, gostei desse cara!" e "Se for candidato eu voto nele!", demonstrando, claramente, a adesão ao momento de lazer, sem a preocupação com o contágio.

Figura 1: Metáfora Primária: DOENÇA É PESSOA



Fonte: <https://blogdoaftm.com.br/charge-luta-da-fiscalizacao/>. Acesso: 20/10/2024.

A metáfora primária DOENÇA É PESSOA sustenta diversas representações da COVID-19 por meio da personificação do vírus. Uma de suas formulações mais específicas é a metáfora VÍRUS É FIGURA POPULAR, na qual o vírus é retratado como um indivíduo carismático, capaz de mobilizar a população. Nessa charge, por exemplo, ele é representado segurando um megafone e fazendo um discurso público, à semelhança de um político ou líder influente. O comportamento das pessoas em relação ao vírus reforça essa metáfora subsidiária: elas

respondem com entusiasmo e aprovação, como se o vírus fosse uma figura a ser seguida ou eleita. Frases como "Gostei desse cara!" e "Se for candidato, eu voto nele!" consolidam essa visão.

3.1.1 Análise detalhada:

a) *Domínio-fonte e domínio-alvo*

- **Domínio-fonte (COVID-19/vírus):** Uma pessoa com megafone falando ao público, demonstra seu poder de liderança.

- **Domínio-alvo (Comportamento social):** Nesse caso, a analogia é feita com o vírus, que está representado de forma antropomorfizada, com braços e segurando um megafone, agindo de maneira ativa, quase como um político ou figura de autoridade. O comportamento de desrespeito às medidas sanitárias, como o distanciamento social, é metaforicamente associado à aprovação do vírus, que passa a ser visto como uma figura carismática.

b) *Metáfora visual*

O vírus é, metaforicamente, apresentado como uma figura quase política, que ganha "apoio" da população, destacando a contradição do comportamento de certos grupos da sociedade, que acabam "apoiando" a disseminação da doença ao ignorarem as medidas de prevenção.

c) *Ironia na metáfora*

A frase do vírus: "Tá na hora de se aglomerar e curtir!" é uma inversão sarcástica da lógica das medidas de segurança. Ao se comparar o fiscal com o vírus, a charge critica a forma como a sociedade valoriza mais a satisfação imediata (diversão, festas de final de ano) do que a segurança coletiva.

A frase "Se for candidato, eu voto nele!" alude ao apoio político dado a figuras e narrativas que desconsideram a gravidade da pandemia, enfatizando a crítica à politização do vírus e das medidas sanitárias.

d) *Análise Ideológica*

Conforme apontado pelos estudos sobre Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2003), esta charge é uma crítica às atitudes ideológicas de segmentos da população que desconsideram a seriedade das medidas de proteção contra o coronavírus. A aceitação do discurso "do vírus", que promove aglomeração, reflete o comportamento de negação da pandemia por parte de certas pessoas ou grupos. O humor ácido da charge expõe a ironia de como, inconscientemente, esses

grupos "apoiam" o vírus ao negligenciarem a importância das recomendações sanitárias, como se estivessem promovendo a propagação da doença.

A frase "Se for candidato, eu voto nele!" remete diretamente à politização da pandemia, em que determinados discursos, que minimizam os riscos, são popularizados e até apoiados, mesmo que resultem em consequências negativas para a saúde pública.

Essa charge utiliza, portanto, a metáfora visual e verbal de forma eficaz para criticar a falta de responsabilidade coletiva e a politização da pandemia. Ao contrastar o fiscal de saúde com o vírus, o autor da charge destaca a contradição entre o que é certo (manter o distanciamento) e o que é aceito pela população inadvertida ou contestadora (aglomeração), oferecendo uma crítica mordaz ao comportamento social de algumas pessoas durante a pandemia.

3.2 Charge 2 – DOENÇA É PESSOA: o vírus como estudante

A charge 2 (Figura 2) personifica o vírus da COVID-19 como um estudante, utilizando a metáfora primária DOENÇA É PESSOA, desdobrada aqui na formulação mais específica VÍRUS É ESTUDANTE. Trata-se, portanto, de uma metáfora subsidiária, em que a doença se manifesta por meio de seu agente — o vírus — representado com traços humanos. O vírus é retratado de forma antropomorfizada, com um rosto malicioso e uma mochila nas costas, acompanhando uma estudante que parece preocupada. A metáfora transforma o vírus em uma figura ativa, capaz de interagir socialmente, como se fosse um estudante prestes a frequentar uma sala de aula. A frase "E aí, será que vamos ficar na mesma sala?" adiciona um tom ameaçador à situação, sugerindo o perigo constante de contaminação em ambientes escolares. Assim, a metáfora não apenas aproxima a doença da realidade escolar, mas também denuncia a precariedade das medidas de proteção naquele contexto.

Figura 2: Metáfora Primária DOENÇA É PESSOA



Fonte: <https://lucianecarminatti.com.br/20-motivos-para-vacinar-os-trabalhadores-em-educacao-ja/>. Acesso: 20/10/2024.

3.2.1 Análise detalhada

a) *Domínio Fonte e Domínio Alvo*

- **Domínio-fonte (aluno/a):** Um estudante, com mochila, representando uma figura comum em ambientes escolares.

- **Domínio-alvo (coronavírus):** O vírus ameaçando o ambiente escolar no contexto de retorno às aulas presenciais, expondo a ameaça de contaminação.

b) *Metáfora visual*

O vírus é representado de maneira caricatural, com expressões faciais e corpo humanoide, o que facilita sua personificação. O detalhe da mochila é crucial, pois coloca o vírus no mesmo contexto que a estudante, reforçando a ideia de que ele está "presente" no ambiente escolar. O uso de cores e o design do vírus, com seu rosto sorrateiro, evoca a ameaça da contaminação, dando ao vírus uma personalidade ativa e perigosa.

O vírus personificado sugere que ele "anda" pelos corredores escolares como qualquer outro aluno, insinuando que as medidas de proteção, como o uso de máscaras (mostrado na estudante), podem não ser suficientes para impedir a disseminação da doença.

A estudante, com uma expressão claramente desconfortável e ansiosa, está equipada com máscara e mochila, o que sugere que ela está se protegendo, mas também revela uma sensação de vulnerabilidade. A máscara, embora seja um símbolo de proteção, reforça a ideia de que a presença física nas aulas ainda carrega riscos.

c) Metáfora verbal

A fala do vírus, "Será que vamos ficar na mesma sala?", sugere a ameaça iminente de que o vírus estará presente em todos os ambientes compartilhados, como a sala de aula, onde há interação próxima entre os alunos. A pergunta aparentemente casual destaca a vulnerabilidade do retorno às atividades escolares presenciais, evidenciando o risco elevado de contágio em um ambiente fechado.

d) Análise ideológica

A charge critica o retorno às aulas presenciais sem as devidas garantias de segurança, ao representar o vírus como um "aluno" que circula livremente pelas salas de aula. Além da metáfora primária, a charge sugere uma metáfora secundária: ESCOLA É LOCAL DE PERIGO, sugerindo que, embora a escola seja normalmente um ambiente de aprendizado, durante a pandemia ela se torna um local de risco para os alunos e, conseqüentemente, para as famílias.

Ao retratar o vírus como um aluno que pode frequentar as aulas, a charge denuncia a falta de segurança nesse tipo de retorno, enfatizando que, por mais que haja precauções, o risco de transmissão permanece alto em ambientes de aglomeração, como salas de aula. O desconforto da estudante e sua expressão facial reforçam a ansiedade que muitos alunos e famílias sentiram com a reabertura das escolas durante a pandemia.

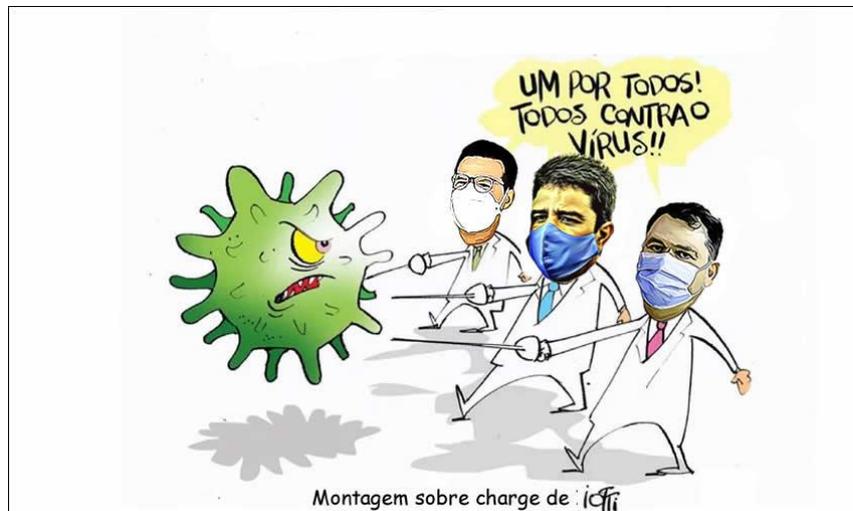
Essa charge também traz uma crítica implícita às políticas governamentais que permitiram ou incentivaram o retorno às aulas sem a garantia de segurança suficiente para alunos e professores. A fala do vírus, associada ao seu comportamento amigável, mas ameaçador, aponta para a ideia de que o retorno às aulas presenciais podia estar sendo tratado com normalidade, quando, na verdade, o perigo do vírus ainda persistia.

A ausência de uma máscara no vírus também tem um papel significativo. Enquanto a estudante está protegida, o fato de o "aluno-vírus" não estar usando máscara reforça a ideia de que a proteção individual pode ser ineficaz sem uma estratégia coletiva mais ampla, como distanciamento adequado, ventilação e vacinação em massa.

3.3 Charge 3 - DOENÇA É LUTA: o vírus como adversário combatido

Na charge 3 (Figura 3), observamos a representação de três figuras públicas (identificadas com máscaras), utilizando espadas para enfrentar um vírus personificado, com formato semelhante ao Coronavírus. A fala em uníssono diz "Um por todos! Todos contra o vírus!!", evocando o famoso lema dos *Três Mosqueteiros*, sugerindo união na luta contra a pandemia.

Figura 3: Metáfora Primária DOENÇA É LUTA



Fonte: <https://ac24horas.com/2021/03/08/a-incansavel-luta-contra-o-coronavirus/>. Acesso: 20/10/2024.

A metáfora primária que estrutura essa charge pode ser identificada como DOENÇA É LUTA, desdobrada aqui na formulação mais específica VÍRUS É INIMIGO. Trata-se, portanto, de uma metáfora subsidiária, na qual a doença é representada por seu agente — o vírus — que assume uma forma personificada, hostil e ameaçadora, devendo ser enfrentado diretamente. As figuras públicas usam espadas, um símbolo de combate, o que reforça a ideia de que a luta contra o vírus é uma batalha que demanda esforço conjunto.

3.3.1 Análise detalhada

a) *Domínio Fonte e Domínio Alvo:*

- **Domínio-fonte (guerra/combate):** refere-se a conflitos armados e batalhas físicas, nos quais os combatentes utilizam armas para derrotar o inimigo. Mais precisamente, o domínio-fonte principal é a história dos *Três Mosqueteiros*.

- **Domínio-alvo (pandemia da COVID-19):** é conceptualizada como um inimigo a ser combatido, no caso, o vírus personificado, que representa o perigo da doença.

Na charge, a guerra é o domínio mais concreto e familiar, enquanto a pandemia é o fenômeno mundial compreendido por meio dessa metáfora de conflito. O uso de espadas e a ideia de "luta" reforçam a conceptualização da pandemia como uma batalha que precisa ser vencida por meio de ações concretas e unificadas.

b) *Metáfora visual*

O vírus aparece com traços faciais expressivos (raiva, agressividade), sendo tratado como um adversário consciente e ameaçador. Isso reforça a ideia de que ele é um inimigo visível, o que facilita a compreensão do problema da pandemia como uma batalha coletiva.

As espadas nas mãos dos personagens simbolizam a luta ativa contra o vírus. No contexto da pandemia, isso pode remeter às medidas de prevenção, como uso de máscaras, vacinação e políticas de saúde pública, vistas como "armas" no combate ao vírus.

c) Metáfora verbal

A frase "Um por todos, todos contra o vírus!" sugere cooperação e união, pela analogia com os *Três Mosqueteiros*, um esforço conjunto da sociedade (ou do governo) para combater o vírus. Isso gera a impressão de que apenas a colaboração mútua permitirá vencer o adversário.

d) Análise ideológica:

A charge utiliza a metáfora DOENÇA É LUTA (VÍRUS É INIMIGO) para transformar a pandemia em uma batalha que pode ser vencida pela união e pelo esforço coletivo. O vírus é tratado como um inimigo personalizável, enfrentado com "armas" simbólicas, como o uso de máscaras e as medidas de saúde pública, ressaltando a necessidade de ação conjunta para superar a pandemia.

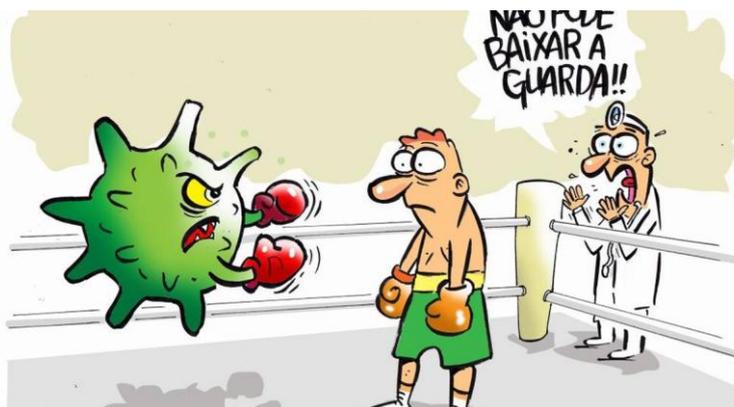
A metáfora visual e a mensagem escrita interagem para simplificar a complexidade da luta contra a COVID-19, convertendo-a numa batalha que pode ser vencida com unidade e ação coordenada. Isso é consistente com a ideia de que o enfrentamento da pandemia exige responsabilidade compartilhada.

Em resumo, a charge utiliza a metáfora conceptual DOENÇA É LUTA para transformar a pandemia em uma batalha que pode ser vencida por meio da união e do esforço coletivo. O vírus, tratado como um inimigo personalizável, é enfrentado com "armas" simbólicas, que representam as ações humanas contra a pandemia.

3.4. Charge 4 – DOENÇA É LUTA: o vírus como oponente em combate

Na charge 4 (Figura 4), o coronavírus (COVID-19) é representado como um lutador de boxe, utilizando luvas vermelhas, enfrentando um ser humano em um ringue. O médico, posicionado ao lado do humano, exorta-o a "não baixar a guarda", frase comumente usada no boxe, que aqui é empregada tanto literal quanto metaforicamente.

Figura 4: Metáfora Primária DOENÇA É LUTA



Fonte:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2020/04/iotti-confirma-a-charge-desta-terca-feira-12318625.html>. Acesso: 20/10/2024.

A metáfora primária DOENÇA É LUTA, desdobrada aqui na formulação específica VÍRUS É Oponente, articula a batalha contra a COVID-19 como uma disputa física entre o vírus e o ser humano, enfatizando a necessidade constante de vigilância e resistência. O ato de "baixar a guarda" remete à vulnerabilidade, sugerindo que, se o ser humano se descuidar ou não se proteger (usando medidas preventivas, como máscaras, distanciamento social ou vacinação), será derrotado pelo vírus, que está sempre pronto para atacar.

3.4.1 Análise detalhada

a) *Domínio Fonte e Domínio Alvo:*

- **Domínio-fonte (luta de boxe):** O boxe, com sua estrutura de luta física entre adversários.

- **Domínio-alvo (pandemia da COVID-19):** A pandemia, representada como uma luta constante, na qual o vírus é um adversário sempre pronto para atacar.

b) *Metáfora visual*

O vírus, antropomorfizado com expressão agressiva e luvas de boxe, personifica a ameaça iminente que a COVID-19 representa.

O ser humano, por outro lado, parece desorientado ou despreparado, possivelmente refletindo a fadiga social com as medidas restritivas ou o sentimento de impotência diante da pandemia prolongada.

O médico na charge desempenha o papel de um técnico ou treinador, reforçando a ideia de que a ciência e os profissionais de saúde são fundamentais para "treinar" a sociedade na luta contra o vírus, guiando a população com orientações médicas.

c) *Metáfora verbal*

A fala do médico, "Não baixe a guarda", reforça a necessidade de vigilância contínua, especialmente diante da fadiga social e do relaxamento das medidas de segurança.

d) *Análise ideológica*

A metáfora do boxe oferece uma visão clara do embate entre a saúde pública e a pandemia, usando uma imagem popular (o boxe) para comunicar a seriedade da luta contra o vírus. O alerta do médico reforça a necessidade de manter-se firme e vigilante, especialmente em um contexto de desinformação ou desânimo com relação à pandemia. Ao representar o vírus como um lutador perigoso, a charge sublinha que o inimigo (o coronavírus) não foi derrotado, e a luta continua.

A metáfora DOENÇA É LUTA é usada, então, para comunicar a natureza contínua e desafiadora da pandemia. O vírus é representado como um lutador sempre pronto para atacar, e a figura do médico atua como treinador, reforçando a ideia de que o combate ao vírus requer atenção constante. A charge critica implicitamente o relaxamento das medidas preventivas, ressaltando que o perigo da COVID-19 ainda está presente e requer vigilância.

Ao final das análises, é possível observar que as metáforas conceituais identificadas nas charges seguem um padrão recorrente de estruturação baseado na projeção de domínios da experiência humana sobre o fenômeno da COVID-19. A seguir, no Quadro 1, apresenta-se uma sistematização das metáforas primárias e de suas formulações subsidiárias, com destaque para os efeitos de sentido produzidos em cada construção.

Quadro 1 – Metáforas primárias e suas formulações subsidiárias

METÁFORAS PRIMÁRIAS E SUAS FORMULAÇÕES SUBSIDIÁRIAS		
Metáfora Primária	Metáfora Subsidiária	Descrição
DOENÇA É PESSOA	VÍRUS É FIGURA POPULAR	O vírus é representado como um líder carismático, com popularidade e voz pública.
	VÍRUS É ESTUDANTE	O vírus assume o papel de aluno, integrando o cotidiano escolar e expondo a vulnerabilidade das escolas.
DOENÇA É LUTA	VÍRUS É INIMIGO	O vírus é figurado como uma ameaça hostil, que deve ser combatida por meio da união social.
	VÍRUS É Oponente	O vírus aparece como adversário direto em um combate físico, como uma luta de boxe ou confronto simbólico.

Fonte: os autores.

Considerações finais

As análises realizadas neste estudo mostram que as metáforas conceituais nas charges relacionadas à pandemia da COVID-19 não apenas facilitam a compreensão da crise, mas também servem como potentes veículos para a construção e disseminação de discursos ideológicos. O trabalho concentrou-se em duas metáforas primárias: **DOENÇA É PESSOA**, que estrutura representações nas quais o vírus assume características humanas, e **DOENÇA É LUTA**, que estrutura o confronto com o vírus como uma disputa. Os desdobramentos dessas metáforas — como **VÍRUS É FIGURA POPULAR**, **VÍRUS É ESTUDANTE**, **VÍRUS É INIMIGO** e **VÍRUS É Oponente** — permitiram a análise das tensões entre discurso, política e comportamento social durante a pandemia. A metáfora **DOENÇA É LUTA**, por exemplo, reforça a narrativa de que o enfrentamento à COVID-19 deve ser encarado como uma batalha, enquanto **DOENÇA É PESSOA** humaniza o vírus, destacando a ameaça contínua em ambientes vulneráveis, como as escolas. Mais do que um recurso expressivo, a personificação se mostra basilar para os achados da análise, pois é ela que possibilita a construção de sentidos ideológicos ao transformar o vírus em um sujeito discursivo ativo — ora agressivo, ora carismático, ora próximo do cotidiano social — sendo, portanto, um elemento estruturante das metáforas analisadas.

O uso dessas metáforas não é neutro; elas carregam implicações ideológicas significativas, moldando a maneira como a pandemia é percebida e respondida pela sociedade. As charges analisadas desempenham um papel crucial ao desafiar as políticas de controle da pandemia e ao evidenciar as tensões sociais e políticas que emergiram ao longo do surto. Ao integrar a Teoria da Metáfora Conceptual com a Análise Crítica do Discurso, foi possível identificar como as metáforas visuais e verbais se coadunam para produzir sentidos complexos e, muitas vezes, ideologicamente orientados.

Esses resultados revelam que as charges são ferramentas discursivas que não apenas refletem a realidade, mas também contribuem para moldá-la, influenciando a forma como a sociedade lida com crises globais como a COVID-19. Dessa forma, a análise de metáforas conceituais em representações multimodais se mostra uma abordagem eficaz para desvendar os significados subjacentes e as disputas ideológicas que permeiam o discurso público em tempos de crise.

Referências

DEIGNAN, Alice. The evaluative properties of metaphor. In: LOW, Graham; TODD, Zazie; DEIGNAN, Alice; CAMERON, Lynne. *Researching and Applying Metaphor in the Real World*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 357-373.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. Introdução: a natureza do discurso político. In: FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 1992. p. 7-26.

FORCEVILLE, Charles. *Visual and Multimodal Communication: Applying the Relevance Principle*. New York: Oxford University Press, 2020.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. 2. ed. London/New York: Routledge, 2006.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

ORLANDI, Eni. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux – Textos selecionados*: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015.

Recebido em 15 de novembro de 2024

Aceito em 01 de junho de 2025